

## A Extrema Direita Adiciona o Neoliberalismo:

### O papel das mídias sociais no atual cenário político

Camilla Pereira<sup>1</sup> e Caroline Coutinho<sup>2</sup>

#### Resumo

A divulgação de perspectivas políticas e sociais não é algo novo. Contudo, as redes sociais permitiram a ampliação desse mecanismo a diversos setores da sociedade, independente de gênero, classe, raça e até mesmo idade. Dessa forma, a internet se tornou o espaço em que as pessoas formam as suas opiniões e interpretações do globo. Esse movimento, no entanto, não é tão democrático e benéfico quanto parece, uma vez que alguns atores, ao notar a capacidade de manipulação das redes sociais, passaram a divulgar notícias políticas falsas em que se mostraram corrosivas para formação de opinião dos indivíduos. Aliado a isto, desde a década de 70, vemos disseminação da ideologia neoliberal de mercado ao redor do mundo, fazendo com que a busca por lucro se expanda para o plano virtual. Deste modo, a partir das perspectivas de teóricos que discorrem sobre este assunto e a reinterpretação do conceito de *espaço*, o presente artigo visa apontar a relação existente entre mídias sociais, neoliberalismo e a manipulação de dados. Isto posto, veremos como esse acervo impacta na configuração política nos novos governos de extrema direita, valendo-se do caso brasileiro.

**Palavras chave:** Mídias Sociais, Democracia, Extrema Direita, Identidades, Neoliberalismo.

#### Abstract

The expansion of political and social perspectives is not recent, but social networks have allowed the expansion of this mechanism to various sectors of society, regardless of gender, class, race and even age. Thus, the internet has become the space in which people form their opinions and interpretations of the globe. This movement, however, is not as democratic and beneficial as it seems, as some actors, noticing the manipulative capacity of social networks, began to spread false political news in which they were corrosive to the formation of individuals' opinions. Allied to this, since the 1970s, we see the spread of neoliberal market ideology around the world, making the search for profit expand to the virtual plane. Thus, from the perspectives of theorists who discuss this subject and the reinterpretation of the concept of space, this article aims to point out the relationship between social media, neoliberalism and data manipulation. That said, we will see how this collection impacts the political configuration in the new far right governments, using as example Brazilian case.

**Keywords:** Social Media, Democracy, Far Right, Identities, Neoliberalism.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-Rio e em Segurança Pública pela Universidade Federal Fluminense - UFF. E-mail: [camillapereira11@gmail.com](mailto:camillapereira11@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. E-mail: [carolgcg@hotmail.com](mailto:carolgcg@hotmail.com)

## Introdução

Cada vez mais, retóricas de extrema direita vêm ganhando espaço no cenário internacional e doméstico dos Estados. Conjugado esse conservadorismo às políticas estatais, temos uma coordenação com princípios neoliberais de mercado, estabelecendo uma contradição nestes governos no qual a política passa a servir aos interesses do mesmo. Somado a isto, temos a intensificação do uso das redes sociais, disseminando uma grande quantidade de conteúdo a todo instante.

Diante disso, esse conteúdo é desenvolvido e enviado para um público alvo específico, a fim de atingir a um objetivo também específico. No caso das eleições dos líderes de extrema direita, há uma ampla participação e relevância das redes sociais em seus processos de campanhas eleitorais e até mesmo nas decisões tomadas posteriormente à suas eleições.

Nesse sentido, a divulgação de perspectivas políticas e sociais não é algo novo, contudo, as redes sociais permitiram a ampliação desse mecanismo a diversos setores da sociedade, independente, de gênero, classe, raça e até mesmo idade. Dessa forma, a internet se tornou o espaço em que as pessoas formam as suas opiniões e interpretações do globo. Esse movimento, no entanto, não é tão democrático e benéfico quanto parece, uma vez que alguns atores, ao notar a capacidade de manipulação das redes sociais, passaram a divulgar notícias políticas falsas em que se mostraram corrosivas para formação de opinião dos indivíduos.

Aliado a isto, desde a década de 70, vemos disseminação da ideologia neoliberal de mercado ao redor do mundo, fazendo com que a busca por lucro se expanda para o plano virtual. Deste modo, a partir das perspectivas de teóricos que discorrem sobre este assunto e a reinterpretação do conceito de *espaço*, o presente artigo visa apontar a relação existente entre mídias sociais, neoliberalismo e a manipulação de dados. Isto posto, veremos como esse acervo impacta na configuração política nos novos governos de extrema direita.

## Metodologia e abordagem teórica

A fim de entender isso, temos como metodologia uma revisão de literatura de teóricos que trabalham com os conceitos de espaço e retropia, essenciais para esta análise. Assim, usaremos Lefebvre (1991) e Harvey (2001), os quais trabalham os conceitos de espaço absoluto e espaço geográfico, mostrando como o capitalismo interage com estes dois conceitos. Na primeira parte, a partir das ideias de Lefebvre, discutiremos a produção do espaço nas mídias sociais, ou seja, *Facebook* e o *WhatsApp*, e qual funcionalidade desses espaços abstratos nos processos políticos. Já na seção seguinte, a partir da leitura de Stavrakakis (2007), argumentamos sobre a importância da identificação política nos espaços das mídias sociais,

pois a produção e constante manutenção de identidades permite a elaboração de projetos políticos no ambiente digital, o qual pode transcender e se projetar na materialidade do mundo fora da internet.

Na seção seguinte, usaremos a discussão de Harvey sobre o ajuste espacial para entendermos como o capitalismo - tanto em escala doméstica quanto global - necessita se expandir para existir; e, conseqüentemente, como o neoliberalismo enxerga nas redes sociais um espaço abstrato em expansão capaz de lhe gerar lucro significativo. Na seção posterior, por sua vez, conectar-se-á todos os pontos abordados nas seções anteriores, de modo a mostrar como a interlocução entre esses fatores se dá na atualidade.

Por fim, na seção antecedente às considerações finais, trabalharemos o conceito de *retrotopia* e como a análise de Bauman (2017) pode ser aplicada ao caso brasileiro desde o início da crise política do País, além disso, utilizaremos a interpretação de Castells (2018) acerca da queda de legitimidade da democracia liberal. Nas considerações finais faremos uma análise de todo este processo, desde a eleição até os presentes dias do mandato presidencial, e como isso poderá reverberar nos anos que se sucedem.

### **A produção do espaço nas mídias sociais**

A presente seção utilizará a ferramenta teórica de Lefebvre, especialmente, os conceitos de espaço absoluto e abstrato para repensar sobre a funcionalidade das redes sociais. Dessa forma, este trabalho compreende, especialmente, o *Facebook* e o *Whatsapp* como espaços abstratos produzidos socialmente, no entanto, os últimos anos reconfiguraram a significância e a funcionalidade desses meios de comunicação. O ponto é compreender como certos atores perceberam o potencial político das mídias sociais e o usaram para propagar ideias.

De acordo com Lefebvre, a mudança dos modos de produção é a condição de possibilidade para formação de novos espaços. Nesse sentido, o autor discorre sobre a existência de um espaço absoluto, o qual possui elementos naturais e características intrínsecas, no entanto, o mesmo foi rapidamente populado por forças políticas. A partir disso, Lefebvre se propõe a divulgar a politização dos espaços e a abstração do trabalho social, diante disso, o espaço abstrato é a resultante do movimento supracitado (Lefebvre, 1991).

Em termos gerais, a construção de um espaço abstrato é marcada pela eliminação das ambigüidades e preza pela homogeneidade, deste modo, o espaço abstrato não revela o fato de ser socialmente construído a partir de negações. Diante disso, o autor busca analisar como os centros embebidos de poder moldam o espaço a partir de suas percepções, e, com isso, eliminam

resistências a fim de manter a ordem social vigente. Ou seja, o espaço histórico passa a ser dominado pelo espaço abstrato (Lefebvre, 1991).

A partir disso, Lefebvre (1991) trabalha o conceito de abstração como não transparente e não lógico aos espectadores, e, que opera de maneira negativa com as esferas políticas e histórias, pois estas são capazes de perceber o funcionamento da manipulação. Nesse aspecto, o espaço utiliza alienação dos sujeitos para manter relações sociais específicas e as legitimar, assim como, dissolver e se opor a certas formas de vida social não enquadrantes naquele espaço. O autor concorda sobre a existência dessa questão, especialmente, no que tange a sexualidade e reprodução.

Diante desse aparato teórico, é possível considerar espaços virtuais como abstratos, e, portanto, a existência dessas características contempladas por Lefebvre. O presente trabalho não buscará reconstruir o processo de formação das mídias sociais, porém aponta as reformas em suas funcionalidades. A função das mídias sociais se excedeu para além da comunicação entre pessoas distantes, os últimos anos foram marcados pela importância desse espaço para promover a comunicação social e política, seja de políticos, jornalistas ou informações gerais (Pinheiro, 2016).

Nesse sentido, o *Facebook* e o *Whatsapp* representam espaços abstratos, visto a autonomia do usuário em selecionar páginas, posts e usuários que lhe interessem. Diante disso, o usuário passa a ter acesso a conteúdos e opiniões semelhantes às suas, ou seja, uma rede de informação é formada. Como mostrado no documentário “Privacidade Hackeada” (Amer & Noujaim, 2019) - o qual apresenta o escândalo da Cambridge Analytica e seus impactos na eleição de Donald Trump - a empresa, por meio de um teste de personalidade realizado no Facebook, capturava os dados dos usuários e de sua rede de amigos, de modo a traçar um perfil do eleitorado norte americano e, assim, ser capaz de modificar seu comportamento (Amer & Noujaim, 2019).

Com isso, os agentes de campanha do atual presidente Donald Trump foram capazes de mapear geograficamente os estados cruciais para sua eleição, e, assim, a assessoria de Trump passou a concentrar suas estratégias nestes. Além disso, sua campanha foi respaldada por meio do bombardeio de postagens de cunho pró Trump aos usuários do *Facebook* classificados enquanto indecisos em relação a eleição presidencial. Esse movimento é, portanto, problemático, uma vez que os posts direcionados aos usuários os fomentam a um comportamento específico ao seu posicionamento político.

Esse cenário dificulta a interlocução entre usuários com visões políticas distintas. Visto que os usuários constroem o seu senso de realidade em um espaço delimitado por ele mesmo,

e, também pelas grandes empresas influenciadoras discorridas acima. Deste modo, as mídias sociais se tornaram espaços moldados por meio embates políticos, no entanto, diferentemente da vida real, a discussão pode ser bloqueada<sup>3</sup> por um clique. Ademais, boa parte do diálogo estimulado é reverberado em ofensas, ou seja, os usuários não constroem uma canal de comunicação profundo. A problemática desse comportamento se reflete na ascensão do extremismo de ideias- especialmente ligadas à direita conservadora- e a incapacidade da esquerda e alas mais progressistas de se articularem dentro desses espaços a fim de ter acesso a outras perspectivas e combater autoritarismos.

No caso brasileiro, foi possível observar um movimento semelhante ao ocorrido nos Estados Unidos, porém, não há, até o presente momento, nenhuma confirmação do envolvimento de alguma empresa semelhante à Cambridge Analytica na eleição do atual presidente Jair Bolsonaro. Entretanto, nas eleições de 2018, o poder das redes sociais para a eleição de Bolsonaro se fez notório, uma vez que 81% de seu eleitorado usa o aplicativo *WhatsApp* (Veja, 2018).

Valendo-se da crise econômica enfrentada pelo país, somada ao medo da ascensão de um potencial governo "comunista"<sup>4</sup>, a campanha de Bolsonaro criou cenários nos quais seus opositores seriam um potencializador do caos e da desordem no qual o país se encontrava. Em conjunto com a defesa de valores conservadores e tradicionais, o candidato utilizou as redes sociais remontando ao que chamou de aos tempos do “verdadeiro Brasil”. Desse modo, grande parte da população, que se encontra em um cenário de instabilidade e insegurança, comprou as ideias do então candidato do PSL, dando-lhe um apoio maciço, ainda observado em 2019, como será mostrado mais adiante.

Assim sendo, as mídias sociais possuem, ao mesmo tempo, a característica homogênea- dada a autonomia do indivíduo- discorrida por Lefebvre como inerente a construção do espaço abstrato. No entanto, as diferenças ontológicas entre os usuários também são exploradas nestas redes de comunicação. A problemática do uso das redes sociais se reflete na falta de comunicação entre os politicamente divergentes e a ausência de um critério de verificação de fala, pois as redes sociais empoderam qualquer indivíduo como interlocutor independente se

<sup>3</sup> Os algoritmos utilizados pelas mídias sociais fazem com que seus usuários tenham contato majoritário com pessoas que partilham das mesmas visões que as suas, criando as chamadas “bolhas sociais”. Para mais informações, acesse: <<https://www.midializado.com.br/2018/09/como-funciona-algoritmo-facebook-instagram/>>.

<sup>4</sup> O artigo se dispôs da palavra "comunista" devido ao excessivo uso desta antes e durante a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro. No entanto, entendemos que não existia possibilidade de tal evento devido a ausência de candidatos com propostas respaldadas em tal posicionamento político. Para conhecer detalhadamente os planos de governo dos presidencialistas, ver: "Propostas de governo dos candidatos ao cargo de Presidente da República" (TSE, 2018).

sua mensagem está carregada de autoritarismos e perseguições. A internet se tornou um vale tudo político onde o Facebook e WhatsApp são as principais arenas de combate.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a problematizar a fragilidade da democracia perante a ascensão das mídias sociais como espaços abstratos de formação de opinião. Esse quadro é agravado pela ausência de legitimidade dos meios tradicionais de comunicação, visto que os antigos interlocutores passam a ser rotulados como manipuladores (Sader, 2018). Esse cenário colabora com a emergência de vertentes políticas extremistas, os quais não possuem compromisso com a validação empírica dos dados e respeito aos Direitos Humanos. Diante disso, algumas figuras centrais na gestão Bolsonaro, tais quais seus filhos, todos ocupando cargos políticos, e Olavo de Carvalho, um *youtuber* sem formação acadêmica, representam parte de um enorme quadro de interlocutores digitais responsáveis pela expansão da extrema direita.

Em suma, a democratização proveniente das redes sociais- por meio da divulgação de opiniões e empoderamento de qualquer um como um interlocutor- resulta no desmantelamento do processo democrático. Uma vez que as perspectivas e vertentes divulgadas pelo *Facebook* e *WhatsApp* põe em cheque valores democráticos e o Estado de Direito ao aumentar a desconfiança sobre a efetividade dos mesmos (Pimental, 2019). Mesmo que existam elementos opressores e excludentes na construção destes valores, deste modo, tornando legítimas críticas profundas à estes<sup>5</sup>, não há seriedade nas discussões dentro do espaço das redes sociais, ou seja, contribui para manutenção e expansão de um ideário equivocado e errôneo sobre o que representa a democracia.

Segundo Lefebvre, o espaço é formado por meio da acentuação dos conflitos existentes nele, além disso, há a dissolução de relações paralelo a formação de outras novas neste espaço. Diante disso, o espaço abstrato propiciado pelo *Facebook* em 2019 é o resultado das perspectivas divergentes e convergentes entre os usuários no que a divulgação de certos ideários, movimentos sociais e bandeiras políticas. Esse processo permitiu a construção do Facebook como uma esfera de debate político, e, não mais uma simples plataforma de comunicação (Pinheiro, 2016).

Esses veículos de mídia permitem a máxima dominação do espaço histórico pelo espaço abstrato, ou seja, é a perda de substrato das representações da realidade (Lefebvre, 1991). Tal

---

<sup>5</sup> Thula Pires pode ser exemplificada neste aspecto, pois a autora critica a base liberal, branca e excludente compositora dos valores democráticos. Dessa forma, a Pires interpreta o Estado de exceção sendo complementar ao Estado de Direito, uma vez que este não foi construído a partir de uma perspectiva inclusiva especialmente aos negros. O pensamento de Pires recorre a ideia de que o Estado de Direito produz zonas do não ser ao qual identidades abjetas são atreladas a esta classificação. "(PIRES, 2018).

situação é problemática, pois, é capaz de colocar a veracidade de fatos históricos em cheque e a criação de uma auto interpretação não empírica. Isso pode ser exemplificado pelo episódio em que diversos brasileiros contestaram a existência do Holocausto e a vertente de extrema direita do partido nazista em uma página da Embaixada Alemã (Folha de São Paulo, 2018).

Isto posto, alguns atores perceberam a mudança de utilidade no espaço abstrato *Facebook* e, a partir disso, usaram essa plataforma para influenciar a expansão de perspectivas políticas, sobretudo, o populismo de direita, como explicado anteriormente no caso da Cambridge Analytica e as eleições norte americanas. Dessa forma, os dados dos usuários destas plataformas passam a ser as commodities mais valorizadas do mundo (Amer & Noujaim, 2019), haja visto que com eles se faz possível alterar a dinâmica do jogo democrático.

De acordo com Lefebvre, a acriticidade está inerente ao espaço abstrato, deste modo, a ausência de reflexão e a desconexão com o espaço absoluto também ocorre ao se utilizar as mídias sociais. Visto isso, os indivíduos passam a internalizar conteúdos sem os contestar, mesmo que, diversas informações sejam falsas e contraditórias, esse movimento é reverberado na estrutura política dos países (El País, 2018). Esse cenário aconteceu quando a Cambridge Analytica fomentou a eleição de Donald Trump nos EUA, e, se repetiu no Brasil quando empresas divulgaram "fake news" pró Bolsonaro durante as eleições (Folha de São Paulo, 2018).

A proposta desse artigo é a indagação de como o papel do setor privado impulsionou transformações no cenário político social, e, a partir disso, minaram a autoridade do Estado. Esse cenário é conhecido de forma rasa pelos acadêmicos contemporâneos, pois não se previu o empoderamento nesse nível das redes sociais. Cabe a esse artigo, refletir sobre o poder do meio digital em influenciar as conjunturas estatais, mobilizar identidades – como será visto posteriormente- e também se perguntar sobre o conteúdo expandido nesses veículos, e, portanto, a periculosidade dessa temática à democracia.

Diante disso, o trabalho se põe como uma reflexão acerca da permeação do meio digital sob o processo eleitoral observado desde o ano de 2016 e o fazer político como um todo. No entanto, nós nos questionamos se o momento analisado é a realização do anseio de Lefebvre. Em *State, Space, World* em que, o autor revela a sua indignação com a passividade dos usuários do espaço abstrato e a ineficácia das forças políticas em resistir frente a burocracia, ou seja, o autor revela seu clamor pela ruptura da alienação no espaço abstrato (Lefebvre, 1991). A questão colocada aqui é, será que o anseio apresentado por Lefebvre se mostra realizável a partir da ascensão de partidos "anti- establishment" ao poder?

Diante dessa pergunta, o artigo se posiciona de maneira cética, o fim da alienação não será alcançada por meio da emergência de anti políticos e a procura por meios alternativos de informação, como o *Facebook* e *Whatsapp*. Dado que, qualquer espaço abstrato carrega a manipulação e acriticidade em sua própria constituição, deste modo, os indivíduos não rompem com essas amarras e se emancipam. Uma vez que a capacidade manipulativa do espaço é construída por uma elite, isso pode ser respaldado ao se observar quem<sup>6</sup> comanda o projeto político de expansão do ideário de extrema direita.

### **A identidade: identificação política com o ideário bolsonarista**

Para melhor compreender a emergência do bolsonarismo, esta seção fará uma reflexão sobre o apelo identitário dos movimentos nacionalistas e de extrema direita. Para isso, este trabalho utilizará os argumentos elaborados por Stavrakakis (2007) em *The Lacanian Left*. De modo resumido, o autor mobiliza percepções da vertente lacaniana e freudiana para compreender a constituição e os efeitos de categorias identitárias. Deste modo, o autor consegue dar luz ao elemento político presente na formação de identidades, além disso, este demonstra a dualidade eu/outro como essencial nesse processo de construção. Por isso, este trabalho compreende como a mobilização do elemento identidade é estruturante para expansão da ideologia do bolsonarismo.

Segundo Stavrakakis (2007), os investimentos afetivos pressupõe uma dimensão de ordem sinistra, deste modo, há uma dicotomia na união entre pessoas para formação de um determinado grupo. Visto que é possível produzir e manter um grupo através de laços amorosos, se ainda restam pessoas a quem este grupo dispensará sua agressividade. Em outras palavras, a formação de uma comunidade é dependente da existência de outras conglomerações humanas as quais esta poderá projetar seus sentimentos de ódio e incongruência àquelas.

Neste aspecto, a produção de identidades implica na existência de um "outro", pois este representa a negação constitutiva do que é ser "eu". A partir dessa linha teórica, é possível compreender como o Bolsonarismo e os movimentos de direita- a exemplo do Movimento Brasil Livre (MBL) - se conceberam a partir da recusa de políticas públicas e padrões de comportamentos associados a esquerda, especialmente, ao Partido dos Trabalhadores.

---

<sup>6</sup> Robert Mercer é um cientista da computação e multimilionário politicamente identificado com pensamentos ligados a extrema direita. Este homem se apresenta como uma figura oculta, porém é um fomentador financeiro e idealizador de empresas como a Cambridge Analytica e outros projetos. Deste modo, Mercer possui um projeto de propagação de perspectivas políticas respaldadas no conservadorismo (Huchon, 2018).

Desta maneira, Bolsonaro apresenta um projeto político sedutor especialmente ao precariado e a um público alçado em visões extremistas. O primeiro é composto por desiludidos com a corrupção política, segurança pública e frustrações econômicas, enquanto que o último se aproxima de uma política de ultradireita- posições contrárias em relação aos padrões de comportamento e discursos adotados por grupos progressistas-. Na eleição de 2018, a frustração com a política tradicional, o establishment, diminui a distância entre precariados e extremistas (Machado, 2018). Este artigo, no entanto, se concentra no peso da aversão aos padrões de comportamento e aos discursos progressistas associados a esquerda, especialmente do movimento feminista e LGBTQ+.

No que tange a questão comportamental, este trabalho compreende o Bolsonarismo como um resposta acerca da expansão das ideias ligadas ao movimento feminista e LGBTQ+ nos últimos anos. Com isso, presenciamos a ressignificação de vários termos ligados a grupos minoritários, e, um processo de valorização dos mesmos. Ademais, Coelho (2016) disserta sobre o potencial das redes sociais como veículos de divulgação destas ideias; assim, *Facebook* e *Whatsapp* se tornaram plataforma de organização política de movimentos sociais. Isto posto, o *Whatsapp* se tornou um dos principais espaços abstratos para produção e divulgação do bolsonarismo visto o significativo uso do aplicativo pelo seu eleitorado (El País, 2018).

O cenário de maior afirmação no meio digital de identidades consideradas historicamente oprimidas e a produção de políticas públicas voltadas à comunidade LGBTQ+<sup>7</sup> nos governos do PT se tornaram um dos maiores incômodos dos setores conservadores. Nesse sentido, este trabalho pensa o Bolsonarismo como um levante contra a expansão do ideário progressista e os padrões de comportamento associado a essas perspectivas, visto que há uma valorização daquilo desincentivado e considero abjeto historicamente. Como por exemplo, Coelho (2016) elabora sobre como as discussões da liberdade sexual feminina e o incentivo a comportamentos que fogem dos papéis tradicionais de gênero são contra atacados. Segundo, Mayara Coelho Pacheco (2016):

Podemos perceber que o feminismo ainda incomoda, toca em certas feridas e gera revolta entre opressores e também entre os próprios oprimidos. O feminismo incomoda tanto que sempre haverá contra-ataque. Como saída lógica nos deparamos com ameaças, repressão e tentativas de silenciamento (Coelho, 2016, p. 222).

<sup>7</sup> A população LGBTQ+ participou de maneira ativa na formulação de políticas públicas nos governos Lula e Dilma Rousseff. Deste modo, a base institucional foi ampliada para setores excluídos socialmente a partir do aumento das ações voltadas em benefício da comunidade LGBTQ+. Por fim, o Estado e este grupo minoritário trabalham em conjunto na autoria de políticas pública, há um processo de inclusão (Alves, 2017).

Dito isso, voltamos ao ponto de reflexão estabelecido sobre identidade e a necessidade da produção de um outro. Portanto, é possível aplicar a ferramenta teórica identitária para compreender a expansão da direita e extrema direita no Brasil- no qual Bolsonaro é a figura emblemática desse processo-, pois a ascensão dessas ideias foram significativamente fomentadas pela afirmação dos movimentos sociais nos últimos anos. Diante disso, a ideologia bolsonarista se coloca como uma solução para a volta dos "bons costumes" e do verdadeiro Brasil, pois este grupo é interpretado como a negação dos movimentos libertários de esquerda.

Em suma, Bolsonaro se valeu da construção de um inimigo personificado -a "esquerda petista"- o qual se mostrou como elemento de coesão para formação de grupos identificados com a direita e a extrema direita. Isto posto, há a fortificação do movimento bolsonarista alinhados pela única ideia de retirar o Partido dos Trabalhadores do poder, pois este representa a força que corrompe as potencialidades brasileiras.

Em outras palavras, Bolsonaro constrói um projeto político baseado no resgate da *jouissance* brasileira. O conceito de *jouissance*<sup>8</sup> é discorrido por Stavrakakis (2007) para compreender os projetos políticos de identificação. Segundo o autor, o que permite a nossa constante busca por identificação é a promessa da recaptura da *jouissance*- um estado de totalidade, completude e desejo-, deste modo, projetos políticos são formulados baseados nessa narrativa. No entanto, essa promessa é falida dada a impossibilidade de restabelecimento da total da *jouissance*, neste sentido, o processo de identificação com determinadas categorias identitárias nos permite apenas um experimento parcial desta completude.

Para além do aparato teórico, este artigo argumenta sobre como o processo de identificação para com as visões defendidas por Jair Bolsonaro refletem a promessa da *jouissance*. Visto que, o plano de governo, declarações extraoficiais e a própria figura do presidente apelam pela necessidade de remoção de todos os obstáculos para o alcance da grandiosidade do País, ou seja, a *jouissance*. A fim de fundamentar as inferências postas acima, o presente trabalho apresenta citações do Plano de Governo de Jair Bolsonaro em 2018:

Nos últimos 30 anos o marxismo cultural e suas derivações como o gramscismo, se uniu às oligarquias corruptas para minar os valores da Nação e da família brasileira. (Plano de Governo Bolsonaro, 2018, p.

---

<sup>8</sup> No original: "In Lacan, the emergence of desire is primarily related to the process of symbolic castration: desire presupposes the sacrifice of a pre-symbolic *jouissance* qua fullness, which is prohibited upon entering the social world of linguistic representation. Is is only by sacrificing its pre-symbolic enjoyment that the social subject can develop desire [...]" (Stavrakakis, 2007, p. 197). O autor Stavrakakis interpreta o conceito de *jouissance* de Lacan a partir de uma perspectiva política, a qual foi discorrida na *seção 4 -A identidade: identificação política com o ideário bolsonarista*.

8) (...) O problema é o legado do PT de ineficiência e corrupção (Plano de Governo Bolsonaro, 2018, p. 14).

Assim, esses obstáculos são definidos como um grupo determinado, o qual detém a *jouissance* de maneira ilegítima e impede a recuperação da mesma. No caso em questão este grupo ilegítimo é o mesmo inimigo definido acima: o PT e o ideário articulado pela esquerda. Diante disso, a internet se apresentou como um instrumentário do projeto político da Família Bolsonaro, ou seja, estes perceberam o potencial das redes sociais como plataforma de identificação política e social.

### O espaço e o neoliberalismo - a virada política

Essa seção tem por objetivo mostrar como o neoliberalismo - uma versão mais potencializada do capitalismo - vem modificando os espaços. Para isso, tomaremos como base para esta discussão o texto *Globalization and the "Spatial Fix"*, de David Harvey (2001), no qual o autor também faz uma discussão teórica acerca dos conceitos de espaço abstrato e espaço absoluto, e a relação destes com o capitalismo e a globalização. Por fim, de modo a introduzir o assunto a ser abordado na seção seguinte, mostrar-se-á como esta nova articulação entre neoliberalismo, redes sociais e políticas impactam nos projetos do presente governo brasileiro.

Nesse texto, Harvey (2001) trabalha com a ideia de “ajuste espacial” (em inglês, *spatial fix*) dentro da lógica capitalista. Em primeiro lugar, é necessário entender a diferenciação que ele faz em relação a espaço absoluto e espaço abstrato. O espaço absoluto é o espaço concreto, no nosso caso, a Terra, enquanto que o espaço abstrato é aquele socialmente construído, dependendo, portanto, do contexto social em que se encontra. Na língua inglesa, a palavra ajuste (*fix*) tem múltiplos significados; o primeiro deles é de que algo está ligado a outro, ou seja, não pode mover ou se modificar, o segundo é uma metáfora com relação ao consumo de drogas, isto é, uma vez que este “*fix*” é encontrado ou alcançado o problema é resolvido e o desejo saciado. Dessa forma, o ajuste espacial do capitalismo se reflete em sua vontade insaciável de expandir e reestruturar seus espaços geográficos, ou seja, para existirem espaços abstratos, é necessário que o espaço absoluto seja ajustado, a fim de transformar todos esses espaços em mercado, já que o capitalismo visa o lucro em primeira instância.

O neoliberalismo é um tipo de capitalismo específico, que potencializa o pensamento liberal clássico dos séculos XVI/XVII. O liberalismo clássico surge com o ímpeto de limitar a atuação do Estado na economia, muito motivado pela ascensão da classe burguesa na Inglaterra, a fim de garantir as liberdades e os direitos individuais (Souza, 2016). Portanto, o liberalismo

previa uma separação entre Estado (política) e mercado (economia), que atuariam como duas esferas autônomas, sendo este último controlado pela chamada “mão invisível” de Adam Smith.

No fim dos anos 80, temos a ascensão de governos neoliberais nos Estados Unidos e Inglaterra, fazendo com que haja uma reconfiguração das funções do Estado. O pensamento neoliberal emerge em 1938, com Hayek e von Mises, e é posteriormente reforçado com Friedman (Monbiot, 2016). Tal pensamento buscava um acirramento da visão liberal de separação entre política e economia, no qual a política passa a ser submissa a economia, ou seja, o Estado passa a servir aos interesses do mercado. Assim, como aponta Foucault (2014), o neoliberalismo implica na colonização de todas as esferas da vida, obrigando os indivíduos a terem um determinado padrão de vida capaz de sustentar este sistema, com o objetivo de que tudo possa ser convertido em lucro.

A teoria neoliberal determina que as pessoas podem exercer escolha a partir dos seus gastos. Porém, alguns têm mais como gastar do que outros: na grande democracia de consumidores ou acionistas, os votos não são igualmente distribuídos. O resultado é um “desempoderamento” dos pobres e da classe média (Monbiot, 2016).<sup>9</sup>

É possível notar que este pensamento acaba se alastrando ao redor do mundo. Cada vez mais a figura do político perde espaço para a figura do gestor, ou seja, ele deixa de ser alguém que necessita de habilidade para negociação e passa a ser uma pessoa que fornece soluções. Somado a isto, temos um Estado neoliberal no qual tudo recai sobre o indivíduo, isto é, há uma individualização de todos os riscos individuais da vida. Temos como os maiores exemplos da atualidade os presidentes Donald Trump (Estados Unidos) e Jair Bolsonaro (Brasil), ambos eleitos sob a égide de uma retórica neoliberal de completa negação a maneira tradicional de se fazer política e um envolvimento muito mais latente com o setor econômico, caminhando juntamente aos interesses do mercado. Nesse sentido, a política, que compõe a esfera pública, isto é, o local onde atuam as forças democráticas que permitem a existência do debate e do contraditório, se submete às vontades da esfera privada, que possui seus próprios ordenamentos e autonomia com relação a primeira.

O que temos, portanto, é uma transferência do local da autoridade, ponto que será melhor discutido na seguinte seção. O privado, uma esfera que é vedada aos interesses e debates populares, passa a ter acesso a todos os nossos dados, como ocorre com as nossas contas em mídias sociais - *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, etc. Entretanto, a esfera pública, justamente

<sup>9</sup> No original: “As neoliberal theory asserts, people can exercise choice through spending. But some have more to spend than others: in the great consumer or shareholder democracy, votes are not equally distributed. The result is a disempowerment of the poor and middle” (*Tradução nossa*).

aquela que conjuga as forças políticas que, até então, tinham no debate e no contraditório o cerne de sua existência, passam a ser demonizados como um local criminoso, desonesto e corrupto. Tudo isso foi possível devido a cenários de instabilidade, onde a figura de alguém afastado dos problemas da política e próximo às soluções do mercado; como mostra Monbiot (2016) que “quanto maior o fracasso, mais extrema a ideologia” (np). Isso nos leva a questionar as razões pelas quais confiamos tão cegamente nessas mídias a ponto de fornecermos, sem nenhum constrangimento, todos os nossos dados pessoais e, ao mesmo tempo, evitarmos ao máximo de autorizar o Estado a interferir em nossas vidas.

Nesse sentido, há um questionamento com relação a utilidade do Estado que, como mostra Harvey que “Se, por exemplo, o Estado se tornou menos relevante como uma entidade coerente e onipotente em assuntos político-econômicos (como muitos agora sustentam), então outra maneira de lidar com o espaço precisa ser definida”<sup>10</sup> (2001, p.23). Dessa forma, a seção seguinte buscará, ainda pautada nos conceitos de Harvey, entender onde está a autoridade no cenário neoliberal, e como isso vem pautando a nova forma de fazer política no governo atual, sobretudo naquilo que diz respeito ao manejo das redes sociais por parte do governo.

### **A nova maneira de governar no mundo neoliberal - o peso da internet na tomada de decisões**

Essa última seção pretende entender como esses novos governantes, agora eleitos, traçam suas estratégias de governo a partir de sua relação com as redes sociais. Como já foi mostrado, o cenário político em âmbito doméstico está profundamente impactado por isso, sobretudo com o papel das mídias sociais durante o período eleitoral, algo recente frente aos tradicionais modos de fazer política, ainda perceptíveis nos últimos anos. Tudo isso está ligado a operação do capitalismo e se potencializa com tamanho avanço tecnológico que estamos vivendo, fazendo com que isso influencie no processo decisório, inclusive, em termos globais. Portanto, essa seção mostrará como a reconfiguração dos espaços no capitalismo (Harvey, 2001), somado ao mundo neoliberal e as mídias sociais impactam na tomada de decisões, sobretudo no caso brasileiro, de modo a polarizar cada vez mais as relações entre os indivíduos.

Como já apontado anteriormente, o texto de Harvey versa sobre o capitalismo e sua busca pela expansão dos espaços, levando a reconfiguração dos mesmos. Em termos globais, a globalização seria, portanto, uma forma de construção e reconstrução dos espaços do capitalismo em escala global. De acordo com Harvey, a “globalização é a versão

---

<sup>10</sup> No original: “If, for example, the state has become less relevant as a coherent and all- powerful entity in political-economic affairs (as many now maintain) then some other way to handle space has to be defined” (*Tradução nossa*).

contemporânea da busca duradoura e interminável do capitalismo por uma solução espacial para suas tendências de crise”<sup>11</sup> (2001, p.25). Nesse sentido, o que temos é o planeta Terra enquanto um espaço absoluto, ou seja, o espaço geográfico no qual nós construímos nossas relações sociais; e a internet desponta como um espaço abstrato no qual novas relações sociais são construídas. Assim, a internet se apresenta enquanto um espaço abstrato em escala global com vasto potencial aproveitado pelo neoliberalismo.

O neoliberalismo, em sua versão mais extremista, visa o lucro a qualquer custo. Como é possível notar, o *Facebook* é um exemplo disso, pois, o tempo que passamos na plataforma é quantificado e revertido em lucro para o mercado, uma vez que essa rede social se sustenta por meio da publicidade (BBC News, 2016). Dessa forma, o uso desta plataforma para fins políticos vem sendo cada vez mais explorado por se perceber a relevância que esta rede social ocupa na vida das pessoas e os lucros do seu uso ao mercado. No caso do Brasil, o *Whatsapp* se apresentou como o principal instrumento na mobilização política nas eleições de 2018.

Como mencionado anteriormente, as mídias sociais representam um espaço de comunicação política e social. Dito isso, esse artigo destaca o papel do neoliberalismo em utilizar esses espaços abstratos para influenciar nos processos decisórios dos Estados. Pois, ao mesmo tempo que os princípios de lucratividade e propaganda- dark posts - seriam responsáveis por expandir certos discursos, esse conteúdo difundido é construído para alimentar a existência do neoliberalismo como orientação do capital. Nesse cenário, uma elite constrói ferramentas, tais como o *Facebook* e *WhatsApp*, para divulgar as perspectivas políticas e econômicas autointeressadas à ela. Assim, em uma era cujo fluxo de informações proporcionados pelas redes sociais é alto, o número de dados com a veracidade duvidosa também aumenta, esse cenário pode desencadear em estratégias de manipulação.

Além disso, a presença de algumas figuras tidas como caricatas no cenário político também contribui para desviar os esforços, sobretudo por parte da oposição, contra algumas medidas impopulares que foram tomadas pelo governo. Não só no Brasil como todo o globo, vemos cada vez mais governantes utilizando abertamente as redes sociais, lançando declarações polêmicas, ganhando grandes proporções nas discussões políticas. Essa conjuntura pode ser lida como estratégia política, pois o foco nestas figuras reduz a vigilância da população na execução de determinados projetos em detrimento de outros, como, por exemplo, o caso da discussão sobre a reforma da Previdência no Brasil.

---

<sup>11</sup> No original: “Globalization is the contemporary version of capitalism’s long-standing and never-ending search for a spatial fix to its crisis tendencies” (Tradução nossa).

Como já mencionado anteriormente, a desconexão virtual existente entre usuários cujas aspirações políticas são divergentes é um ponto crucial para viabilizar a concretização de determinadas políticas implementadas pela nova gestão. Devido a essa falta de diálogo e a demonização do outro, ou seja, a ideia de que aquele cujo pensamento é divergente não é passível de debate, rebaixando-o a um ser abjeto, a aprovação de reformas mais polêmicas que visem somente aos interesses da classe política em questão se torna mais fáceis. Isso faz com que o principal propósito da democracia seja posto em xeque, uma vez que apenas os interesses de um grupo prevalecem, já que a oposição passa a ser silenciada e, inclusive, ridicularizada.

Portanto, ao mesmo tempo que dissemina, de modo instantâneo, um grande fluxo de informações, as mídias sociais e os filtros desenvolvidos pelas mesmas são responsáveis por criar um abismo entre os grupos cujas aspirações políticas não se assemelham. Nesse sentido, a visão neoliberal que pregam estes novos líderes de extrema direita acaba por se tornar vitoriosa, uma vez que não há um intercâmbio de ideias entre os indivíduos.

### **Democracia Liberal em crise**

Este artigo almeja problematizar a emergência da extrema direita à do desmantelamento da democracia liberal e intensificação do uso de mídias sociais tanto por parte da população quanto por parte de agentes políticos. Nesse caso, o fenômeno Bolsoaro surge nesse contexto apresentando as lacunas e dificuldades do recente processo de democratização no Brasil, daí sua plataforma política se basear em uma reestrutura da política enquanto todo. Pois, visto que há um significativo descrédito político e das instituições tradicionais, vivemos uma crise de legitimidade política. Isso significa dizer que a força e estabilidade das instituições democráticas dependem da perspectiva que os cidadãos dispõem à estas, isto, no entanto, não é a tendência das democracias vigentes, uma vez que passamos por um processo de ruptura de vínculos entre a sociedade e seus representantes. Este fenômeno não é exclusivo do Brasil; ao contrário, em pesquisas recentes, observou-se que até dois terços da população mundial não se sentem representados pelos políticos tradicionais (Castells, 2018). Diante disso, Castells conclui:

Porque a força e a estabilidade das instituições dependem de sua vigência na mente das pessoas. Se for rompido o vínculo subjetivo entre o que os cidadãos pensam e querem e as ações daqueles a quem elegemos e pagamos, produz-se o que denominamos crise de legitimidade política; a saber, o sentimento majoritário de que os atores do sistema político não nos representam (Castells, 2018, p. 8).

Em sua obra *Ruptura*, Castells (2018) traça as raízes da ira, ou seja, condições de possibilidade para emergência de um sentimento anti democracia liberal. Nessa concepção, o autor entende como a falência da democracia liberal está interligada com o modelo neoliberal de Estado mínimo e especulação financeira. Desse modo, Castells coloca como a gerência da economia proporcionou um maior apartamento entre representantes e representados. O Brasil não foge dessa lógica, apesar do maior compromisso social defendidos pelo governo anterior, nós estivemos bem enredados no modelo neoliberal da globalização, ou seja, funcionamos dentro da lógica do capital e potencializamos nosso papel na cadeia de valor global: o celeiro do mundo.

A posição brasileira dentro desta globalização foi impulsionada pela crescente demanda por commodities devido ao extraordinário crescimento da economia chinesa. De maneira breve, a queda no preço das commodities atrelada à crise financeira de 2008 foi uma das primeiras condições para nós caminharmos para nossa própria crise doméstica, a qual explodiu em 2015 diante da considerável valorização do dólar, aceleração da inflação e perda no salário real do trabalho (Oreiro, 2017). Diante disso, o instrumental de Castells (2018) nos permite compreender melhor esses fenômenos, visto que o autor entende o quão a crise financeira seguida pelo decrescimento da economia global fomentou a desconfiança dos representados em relação aos seus representantes. Ou seja, os descompromisso das políticas econômicas neoliberais se reverterem em condições de bem estar social permitiu a eclosão de uma outra problemática: a crise identitária.

De maneira em geral, o que este artigo quer mostrar é como uma disfunção na economia está interligada com problemáticas em outras áreas. Essa questão é perceptível ao estudarmos o caso brasileiro, pois observamos o quão a crise econômica e política do país se co-constituíram, permitindo assim a ascensão de um sentimento de frustração perante a incapacidade Estatal em gerir essas adversidades. Este cenário, segundo Castells (2018), é um espaço fértil para eclosão de crises identitárias, pois as populações passam a se recluser dentro das suas tradições e perspectivas internas e desenvolvem um olhar receoso e intolerante para o não local.

Esse processo também ocorreu no Brasil, porém, o foco era a presença de um inimigo interno, como foi desenvolvido anteriormente. Por fim, podemos utilizar as perspectivas exploradas por Castells (2018) quando o autor coloca o setor privado, especialmente, as grandes empresas como atores corruptores, pois estas se tornam as principais financiadoras da manutenção midiática das programas políticas. Esse processo é retroalimentado por troca de favores à classe política e empresária. Tal fenômeno se tornou explícito no Brasil especialmente

com a explosão das investigações da Operação Lava Jato e a descoberta de diversos escândalos relacionados a grandes empreiteiras brasileiras e políticos eleitos. Esse fato foi estruturante da crise política e econômica brasileira dado que a sociedade passa a desconfiar ferozmente dos seus representantes e associa esta classe ao enriquecimento pessoal às custas do Estado.

Assim sendo, a falência do modelo de governo democrático liberal provoca diversas frustrações especialmente na percepção dos crentes no *Fim da História*<sup>12</sup>. Este sentimento é abordado por Castells dado o imaginário comum, o qual estabelece a democracia como um modelo governamental responsável por atenuar a corrupção do sistema político, porém o autor afirma que essa característica seria estrutural do próprio fazer político. Podemos observar essa percepção para além de uma análise acadêmica, pois percebemos um clamor popular nas últimas eleições por anti políticos, ou seja, por pessoas não ligadas aos partidos tradicionais. (Estado de Minas, 2018). Essa nova narrativa nos aproxima do diagnóstico de Bauman (2017) sobre a *retrotopia*, deste modo, podemos compreender a emergência da extrema direita e nacionalismo como o efeito da desilusão causada pelo cenário político assim como crises financeiras e sociais. A *retrotopia*, portanto, é um fenômeno internacional.

Essas frustrações democráticas fomentam um sentimento nostálgico em relação ao passado, neste sentido, a população passa a clamar por uma época vitoriosa e boa de suas vidas. No entanto, a escolha desse passado é por si idealizada, visto que o imaginário coletivo seleciona um aspecto da história e mobiliza paixões a este período (Bauman, 2017). Este movimento permite o surgimento de identidades a partir da identificação com um projeto de nação capaz de retornar os heroísmos do passado. Bauman (2017) discorre em *Retrotopia*, o sentimento de desesperança sobre o futuro, especialmente pelo ponto de vista dos *precariados*<sup>13</sup>, pois não há expectativas otimistas em relação a líderes de governo e condições financeiras. Pode-se dizer que Bolsonaro nasceu no seio diante da falta de esperança com o presente conjugado ao saudosismo da Ditadura Militar, ou seja, há o apelo pelo retorno à uma época vista como melhor e gloriosa por alguns setores da população.

<sup>12</sup> Francis Fukuyama (1989), em seu artigo “O fim da história”, afirmou que a derrota do fascismo após a Segunda Guerra Mundial, somada a derrocada do socialismo no início do novo século tornavam o liberalismo a ideia-força para a organização política-econômica das sociedades. Ou seja, significava, portanto, que a disputa ocorrida no século XX entre liberalismo, fascismo e comunismo chegava ao fim, tendo a primeira como vitoriosa.

<sup>13</sup> De acordo com Judith Butler (2009), a precariedade se constitui numa condição politicamente construída na qual determinadas populações são assimetricamente expostas a contextos de violência, perigo, enfermidade, migração forçada, pobreza ou morte. O que é possível observar no caso brasileiro é o fato de que alguns indivíduos que, no período anterior a crise, possuíam uma condição econômica melhor, hoje, com a crise, encontram-se em postos de trabalho inferiores aqueles correspondentes a sua formação acadêmica, como fica evidente no caso de uma parcela significativa de profissionais formados em engenharia que atualmente são motoristas de aplicativo.

Em suma, podemos também sentir o impacto empírico do conceito definido como *retrotopia* aqui no Brasil. Visto que a eleição de Bolsonaro pode ser lida como o desgosto populacional para com a profissionalização da política, a burocracia e a corrupção. Dessa forma, este artigo compreende que aspectos de ordem doméstica tais como a Operação Lava Jato, o *impeachment* de Dilma Rousseff e formação de identidades atreladas a direita por meio das redes sociais produziram condições de possibilidade para ascensão de Bolsonaro e do Partido Social Liberal (PSL) às instituições democráticas País.

### Considerações finais

Este artigo buscou mostrar como a popularização das mídias sociais, alinhadas a perspectivas econômicas neoliberais, políticas de extrema direita e manipulação de dados são capazes de intervir no cenário político de um Estado, neste caso, o brasileiro. Com uma campanha totalmente pautada nas redes sociais, Jair Bolsonaro teve um crescimento substancial durante o período eleitoral, fato que acabou por consagra-lo Presidente da República. Dessa forma, faz-se notório o sucesso da estratégia utilizada por Bolsonaro, que até então não era percebida e explorada por grande parte da classe política brasileira, uma vez que o modo tradicional de se realizar as campanhas eleitorais eram por meio da televisão e rádio e também da panfletagem e comícios nas ruas.

Ao conjugar os principais anseios do país, tais quais o desejo por uma maior segurança e estabilidade econômica, foi possível com que o então candidato conseguisse construir uma identidade própria- a qual partes da população se identificaram com o seu projeto político- e de seu principal opositor, que foi tido como o bode expiatório de sua campanha. Assim, os posts que eram enviados, sobretudo via *WhatsApp*, tinham o intuito de reforçar as identidades comentadas acima, de modo a acirrar o ambiente polarizado que predominou – e ainda predomina – ao longo do processo eleitoral.

Nesse sentido, a constante busca pelo lucro visada pelo neoliberalismo encontrou nas redes sociais seu maior espaço de crescimento, devido ao alcance proporcionado por elas. Isso fez com que os dados se tornassem um dos bens mais valorados da atualidade, uma vez que são eles os determinantes para a nova dinâmica política na qual o mundo vem se encontrando. Portanto, líderes de extrema direita, ao perceberem isso, acabaram por se alinhar aos princípios neoliberais sob os quais o mercado é comandado de modo a atender aos seus interesses e ao de grandes empresários, influenciando, assim, na configuração política dos Estados.

No caso brasileiro, essa instrumentalização do neoliberalismo para fins políticos fez com que, para além das redes sociais, esses políticos de extrema direita se alinhassem a esta

ideologia também no âmbito econômico, de modo a angariar apoio de determinados setores, a exemplo dos empresários. Deste modo, reformas econômicas que são de grande interesse para tais grupos econômicos, como é o caso da previdência, acabam conseguindo uma maior facilidade de aprovação, uma vez que grande parte dos legisladores alinham-se a esta perspectiva.

Neste sentido, este artigo compreende que a eleição de Bolsonaro é o resultado do desmantelamento da democracia liberal. Uma vez que, estamos vivendo uma época de descrédito político e das instituições tradicionais, ou seja, vivemos uma crise da legitimidade política. Pois, a força e estabilidade das instituições democráticas dependem da perspectiva dos cidadãos acerca destas em que o vínculo entre a sociedade e os representantes está rompido. Bolsonaro é o efeito do desgosto populacional com a profissionalização da política, a burocracia e a não representatividade dos governos.

Isto posto, é notório que as relações políticas vêm se encaminhando para uma nova configuração, na qual o plano virtual passa a ser o centro decisório das ações governamentais. Tal movimento se apresenta como uma faca de dois gumes, isto é, ao mesmo tempo que a internet tem o poder de alcançar a muitas pessoas, ela também, como já foi elucidado nas seções anteriores, é capaz de manipular os dados e seus respectivos receptores, levando a estratégias que visem atender aos interesses do governo em questão. Por isso, faz-se importante que haja mais estudos acerca do papel das mídias no processo político, para que seja possível conhecer e entender os efeitos da mesma nesta situação, para que, assim, as devidas precauções sejam tomadas.

### Referencias Bibliográficas

ALVES, Douglas. Participação, Políticas Públicas e o Movimento LGBT Brasileiro entre 2003 e 2014. **Revista Debates**, v.1, n. 3, 2017, p. 149-168.

AMER, Karim; NOUJAIM, Jehane Noujaim. **Privacidade Hackeada**. [Documentário, 59 min.] Estados Unidos: Netflix, 2019.

BBC NEWS. Quanto Dinheiro o Facebook Ganha com Você (e como isso acontece). **BBC News**, 10 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37898626>> Acessado em: 05 dez. 2018.

BORGES, Rodolfo. WhatsApp, uma Arma Eleitoral Sem Lei. **El País**. São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/tecnologia/1539899403\\_489473.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/tecnologia/1539899403_489473.html)> Acessado em: 05 dez. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A Crise da Democracia Liberal**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2018. 152 p.

CAVALCANTE, Leonardo. Crescimento e Queda de Partidos Deixam Especialistas Perdidos. **Estado de Minas**, 15 out. 2018. Disponível em:

<[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/15/interna\\_politica,997227/crescimento-e-queda-de-partidos-deixam-especialistas-perdidos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/15/interna_politica,997227/crescimento-e-queda-de-partidos-deixam-especialistas-perdidos.shtml)> Acessado em: 14 set. 2019.

COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que Ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 11, n. 1, 2016, p.214-224.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HARVEY, David. Globalization and the “Spatial Fix”. **Geographische Revue**, v. 3, n.2, 2001.

HUCHON, Thomas. **Driblando a democracia**. [Documentário, 52 min.] Paris: Eclair Media, 2018. P&B.

LEFEBVRE, Henri. Introduction. In: **Space, State, World**. Londres: University Of Minnesota Press Minneapolis, 199, p. 48-52.

MELLO, Patricia. Empresários bancam campanha contra o PT pelo *WhatsApp*. **Folha de São Paulo**, 18 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pel-whatsapp.shtml>> Acessado em: 04 dez. 2018.

MONBIOT, George. Neoliberalism: the ideology at the root of all our problems. **The Guardian**, 15 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/apr/15/neoliberalism-ideology-problem-george-monbiot>> Acessado em: 04 dez. 2018.

OREIRO, José Luis. A Grande Recessão Brasileira: diagnóstico e uma agenda de política econômica. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, 2017, p. 75-88.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Os Ricos, os Pobres e os Precariados: os 3 tipos de eleitores de Bolsonaro. **The Intercept Brasil**, 16 out. 2018. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/16/tipos-eleitores-bolsonaro/>> Acessado em: 06 dez. 2019.

PIRES, Thula. Racializando o Debate sobre Direitos Humanos: Limites e possibilidades da criminalização do racismo no Brasil. **Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos**, v.15, n.28, 2018, p.65-75. Disponível em: <<https://sur.conectas.org/en/racialising-the-debate-on-human-rights/>> Acessado em: 06 ago. 2019.

SADER, Emir. A Crise da Mídia pelo seu Desprestígio. **Brasil 247**, 26 out. 2018. Disponível em: <<http://pcdobrj.org.br/partido/index.php/brasil/itemlist/category/17-midia>> Acessado em: 06 ago. 2019.

STAVRAKAKIS, Yannis. **The Lacanian Left**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Propostas de governo dos candidatos ao cargo de Presidente da República. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2018/propostas-de-candidatos>> Acessado em: 05 ago. 2019.

VEJA. Datafolha: 6 em cada 10 eleitores de Bolsonaro se informam pelo *WhatsApp*. **Revista Veja**, 3 out. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/datafolha-eleitor-de-bolsonaro-e-o-que-mais-se-informa-por-redes-sociais/>> Acessado em: 06 ago. 2019.

ZYGMUNT, Bauman. **Retropia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017. 168 p.